

**REVISTA
DO
MUSEU PAULISTA**

NOVA SÉRIE
VOLUME XIV

6ª R. ABA



SÃO PAULO
1963

A PENETRAÇÃO BRANCA E A DIFUSÃO DA TUBERCULOSE ENTRE OS ÍNDIOS DO RIO NEGRO

por

ETTORE BIOCCA

A penetração do branco na floresta tropical americana leva doenças que ainda não existiam entre os indígenas. A tuberculose é o exemplo mais trágico seja pela impressionante gravidade do decurso da doença entre os índios, seja pela rapidez com que a infecção se propaga.

É perfeitamente conhecido que as populações que nunca tiveram contacto com a tuberculose, como as populações indígenas da América, da África e de outras partes do mundo, não possuem resistência imunitária; isto é considerado o motivo principal da gravidade da tuberculose entre os índios.

Existem documentos certos que até 1930 a tuberculose não tinha aparecido no Alto Rio Negro.

No ano 1944 de volta da viagem de estudo na região de Uaupés e do Alto Rio Negro, apresentei às autoridades missionárias uma relação sanitária na qual concluía: "A doença mais perigosa e difundida é a tuberculose. Pode-se afirmar que não existe mais um povoado índio, na margem dos maiores rios, onde não se encontrem casos de tuberculose... A gravidade, bem como a rapidez do decurso são espantosos..."

"Eu penso que seja ainda tempo para combater este perigo. Trabalhos recentes, feitos na Capital Federal por A. de Assis estão demonstrando o grande valor profilático da vacinação antitubercular entre as crianças de famílias tuberculosas. O isolamento de doentes contagiantes é indispensável para impedir uma rápida difusão da doença. Os outros problemas sanitários, inclusive a malária, não são preocupantes.

"Sinto-me, portanto, autorizado a apresentar as seguintes propostas:

1) Vacinação antitubercular preventiva de tôdas as crianças (trabalho fácil para os missionários que gozam de enorme prestígio moral entre os índios).

2) Criação de um hospital de isolamento para os tuberculosos com formas abertas, possivelmente em Jauareté."

Devido à gravidade do problema, que é praticamente idêntico em tôdas as regiões ainda habitadas por índios, o Prof. Dr. Herbert Baldus apresentou ao XXXIV Congresso Internacional de Americanistas, reunido em Viena, em 1960, uma moção de E. Biocca, a qual recebeu aprovação unânime. É o seguinte o seu teor:

Considering that it is well known that certain epidemic diseases particularly tuberculosis, are destroying thousands of American Indians every year;

considering that little has been done to face these urgent sanitary problems and that these problems are common to most countries of the Americas where there is still an Indian population,

the *International Congress of Americanists* Requests the *World Health Organization*

1) to consider the sanitary problem (tuberculosis, verminosis etc.) of the Indian populations of the Americas as one of its objectives;

2) to study the possibility of practical work being done in the course of the next years for the protection of the health and life of Indians in association with local governments, missions, etc., including vaccination, erection of isolating buildings, chemotherapy, chemo-prophylaxis, etc.

Em 1962 escreve o Padre Alcionilio Brüzzi Alves da Silva no seu livro: "A civilização indígena do Uaupés" (1962, p. 68): "Mais alarmante ainda é o perigo da tuberculose. Enviado pelo governo colombiano, o tisiologista Dr. Alvaro Arguillo Pinzon, visitou em agosto de 1955 as populações do Uaupés e Papurí. Logo após a visita que fez aos povoados das margens colombiana e brasileira dêste último rio, afirmou-nos em Jauareté que 75% da população indígena já se achava contagiada pelo bacilo de Koch. A afirmação é dolorosamente verossímil..."

* * *

A Expedição científica ítalo-brasileira na floresta equatorial americana considerou entre seus principais objectivos:

o estudo das causas que favorecem a difusão da tuberculose na floresta equatorial e os possíveis meios de combate a esta doença.

Num relatório anexo foi apresentado um detalhado programa de combate à tuberculose no Rio Negro. O presente estudo refere-se às principais causas que favorecem indiretamente a difusão da tuberculose.

A vida dos missionários é das mais perigosas e difíceis. Homens e mulheres deixam as suas terras e os seus familiares no único desejo de poder terminar as suas vidas com a certeza de ter feito obras de bem. O mesmo pode ser dito daqueles homens generosos que se ocupam destes problemas no Serviço de Proteção aos Índios e em outras instituições.

É dever do médico e do biólogo mostrar-lhes que nem tudo o que é feito com o fim de proporcionar o bem é útil, mas que às vezes, ao contrário pode levar a trágicas conseqüências. Não é possível imaginar maior desolação para um missionário do que ver morrer, vítima da tuberculose, um menino que vivia livre e sadio no mato e pensar que foi a sua obra de amor e caridade que o levou a um lugar contaminado.

A catequização e a transformação da vida e da cultura índia devem se processar lentamente e com um contínuo controle científico.

Consideramos portanto útil relatar com a devida sinceridade e objectividade os aspectos delicados do problema, porque estamos persuadidos de que a maioria das causas que favorecem a propagação da tuberculose poderia ser evitada, examinando sem prevenções os problemas que se apresentam.

1) Os colégios

A principal tarefa dos missionários é representada pela conversão dos índios e pela sua educação escolar. Este nobre trabalho cria imediatamente problemas sanitários de enorme gravidade.

Os jovens índios ficam reunidos às centenas nos grandes colégios. No Rio Negro foram construídas imponentes e monumentais aldeias missionárias. O sistema de vida dos jovens índios muda bruscamente: passam de uma vida livre na mata e nas malocas a uma convivência estreita. Até quando a tuberculose não se havia manifestado, a vida nos

colégios não apresentava problemas sérios. Nas atuais condições, os colégios reúnem meninos que vêm de regiões onde o morbo ainda não chegou e meninos que vêm de regiões onde a tuberculose já está muito espalhada. Nas aulas escolares, nos refeitórios, nos dormitórios, os meninos vivem em contínuo contacto e, inevitavelmente, depois de alguns meses, quase todos ficam contaminados, seja pela grande suscetibilidade dos índios à tuberculose, seja pela promiscuidade de doentes com sadios.

Terminados os cursos, as crianças voltam à suas casas e malocas e, se doentes, transformam-se em difusores de tuberculose, a qual, dessa maneira, chega a lugares onde o branco ainda não havia chegado.

Os colégios, portanto, que de um lado representam a maior das realizações no campo educativo, escondem o maior dos perigos no campo sanitário.

É portanto absolutamente urgente enfrentar o problema duma forma científica e racional, praticando o teste tuberculínico em todos os alunos, vacinando os indivíduos negativos ao teste, antes de aceitá-los nos colégios, e isolando e tratando os doentes.

2) Os hospitais

O merecimento das Missões Salesianas consiste na criação dos únicos hospitais existentes no Rio Negro. Estes hospitais recolhem sejam os doentes dos colégios missionários, sejam os da população da zona. Infelizmente o mesmo problema que se tinha apresentado nos colégios veio a apresentar-se numa forma ainda mais trágica nos hospitais onde vieram a ser internados doentes moribundos, atacados de tuberculose, perto de maláricos ou de doentes de outras moléstias não contagiosas.

Os hospitais se transformaram assim nos mais perigosos focos de difusão da tuberculose. A mesma cozinha, a mesma lavanderia, as mesmas salas para tuberculosos e não tuberculosos, em locais não protegidos contra as mûscas são as causas principais que contribuem para a difusão da tuberculose. Os missionários e as missionárias, numa dedicação heróica, estão entre as primeiras vítimas. O próprio Monsenhor Marchesi ficou gravemente doente depois de ter apanhado a tuberculose assistindo os doentes.

O problema dos hospitais é um dos primeiros que devem ser resolvidos. Chegamos à conclusão de que, se os hospitais tiverem que continuar recebendo indistintamente tuberculosos e não tuberculosos, melhor seria fechar os hospitais. Em Uaupés, à pergunta feita por nós a um moço gravemente tuberculoso, desde quanto tempo era doente, êle respondeu que o sabia exatamente: "Desde o dia em que eu entrei no hospital para tratar da gripe e fiquei vivendo perto de dois que morriam de tuberculose."

A construção de hospitais para tuberculosos e a interdição de acesso de tuberculosos contagiantes a outros hospitais constituem a única solução para o problema.

3) As malocas e as casas dos "civilizados"

Os índios moravam e, em alguns rios menores, ainda moram em grandes construções (malocas) com tetos e paredes recobertas de fôlhas de palmeira caprichosamente trabalhados. Estas grandes casas comuns são caracterizadas por um ambiente espaçoso no qual circula constantemente o ar e no qual os fogos acesos de cada família mantêm uma temperatura agradável e uma umidade bastante baixa. A fumaça tem uma evidente ação desinfestante geral.

Entre as malocas índias as dos Yanoáma, que vivem espalhados na imensa região do norte do Rio Negro até o Orinoco, são as mais sadias, abertas para um grande pátio central, ao ar livre, constantemente iluminadas pelo sol.

A maloca na sua estrutura arquitetônica representa também a estrutura social do grupo que nela vive. Até que os índios continuem vivendo na maloca, continuam êles observando os seus costumes e a sua cultura. Por isso a penetração missionária e civilizada sempre procurou substituir as malocas por casas familiares. Infelizmente as casas dos "civilizados" do interior da América Tropical, feitas de paredes de barro, apresentam seríssimos aspectos sanitários. São em geral escuras e úmidas, a fumaça não pode circular e as paredes se transformam freqüentemente em ninhos de insetos hematófagos. Nestas condições, como é bem conhecido, as secreções orgânicas contendo bacilos tuberculares se conservam contagiantes por muito tempo.

É nossa firme opinião que as malocas só poderiam ser destruídas quando fôsse possível fornecer aos índios tipos

de habitações e de vida mais higiênicas e sadias (o que não acontece absolutamente com as casas de barro e de cimento).

Se por razões de ordem moral ou religiosa se achar indispensável destruir as grandes moradias coletivas, elas deverão ser substituídas por moradias cujo tipo deve ser estudado tècnicamente, possivelmente de madeira e fôlhas de palmeira, considerando as exigências da vida na floresta equatorial.

4) A nudez dos índios e as roupas dos "civilizados"

Sabe-se que o sistema melhor para fortalecer o físico e aumentar a sua resistência às infecções, é de acostumá-lo ao ar livre e aos raios do sol. Nas colônias infantis do mundo inteiro procura-se manter as crianças quanto mais sem roupas, levando uma vida em contacto com a natureza. Tudo isto é ainda mais necessário nas regiões quentes e tropicais onde a umidade e o calor provocam transpiração contínua.

Nas condições de vida na floresta tropical qualquer trabalho, quando o corpo está recoberto de panos, leva a uma transpiração contínua com a constante aplicação de um emplastro quente-úmido sôbre o corpo. É bem conhecido o perigo sobretudo para infecções bronco-pulmonares de ter um vestido molhado no corpo.

Desde milhares de anos os índios estão acostumados à sua nudez, mais modesta, como escreveu Wallace (1853), do que muitos provocantes vestidos do mundo civilizado. A nudez, porém, cria problemas sérios no mundo religioso, porque está ligada freqüentemente, na nossa cultura, ao relaxamento moral. Os missionários em geral consideram também a nudez índia como pecaminosa e procuraram e procuram eliminá-la. Contemporâneamente os índios, circundados por um mundo hostil querem se adaptar a êste mundo; a maneira mais simples e rápida é representada pelo uso das mesmas roupas.

Além disso, na floresta não existe comércio de roupas, e os índios em geral continúam levando no corpo as mesmas vestes sujas, até caírem em frangalhos. É nossa opinião que o problema do vestuário deveria ser novamente estudado sob um aspecto mais moderno e liberal, limitando os panos ao mínimo necessário para cobrir as partes sexuais e deixando o resto do corpo perfeitamente livre. Isto representaria uma economia notável e uma grande vantagem para a saú-

de e para a estética. Dever-se-ia na floresta tropical, educar também os civilizados, ensinando-lhes a expor ao sol e ao ar livre a maior parte do corpo, segundo as indicações da higiene moderna.

5) A alimentação; a dependência econômica; a higiene

É suficiente ter tido contacto, com grupos índios afastados da nossa "civilização", que mantêm ainda as suas velhas tradições e hábitos alimentares, para perceber como eles têm conseguido um ótimo equilíbrio alimentar. Com exceção de alguns períodos nos quais a insuficiência de comida pode provocar estados temporários de desnutrição, quase sempre os índios são bem nutridos e não apresentam evidentes sinais de avitaminose ou de outras sérias deficiências alimentares. Uma observação interessante, por exemplo, pode ser feita nos dentes. Entre os Yanoáma não encontramos cáries dentárias e era impressionante comparar as suas magníficas dentaduras com as dentaduras completamente destruídas pelas cáries dos "civilizados" que moram no Rio Negro. Os índios nos indicavam como causa da cárie a diferente alimentação, sobretudo o uso do sal de cozinha.

Uma das opiniões mais comuns entre os "civilizados" é de considerar errada ou repugnante toda a alimentação que se afastar dos esquemas habituais. Enquanto são admitidos na nossa alimentação artrópodes aquáticos como lagostas e camarões, são decididamente recusados artrópodes terrestres como formigas, gafanhotos ou larvas de coleóteros, que, pelo contrário, são muito apreciados pelos índios. Assim pode-se dizer do sal de cozinha, desconhecido pelos índios e introduzido pelos "civilizados".

Com a penetração da nossa civilização assiste-se a uma contemporânea transformação do tipo de alimentação dos índios. Muitos alimentos, quais a maior parte dos artrópodes e réptis, são abandonados e substituídos por carnes salgadas etc.; os frutos do mato não representam mais a mesma importância de antes. O sal de cozinha transforma-se numa necessidade alimentar.

Os índios perdem os seus hábitos alimentares e se envergonham de ingerir certos alimentos (difícilmente um índio aculturado comerá insetos ou cobras na frente de um civi-

lizado, negando de ter êstes costumes alimentares), adaptando-se progressivamente aos alimentos dos "civilizados".

Não há dúvida de que a alimentação dos brancos na floresta tropical americana é quase sempre irracional, rica em produtos conservados e salgados, deficiente em vitaminas, sais minerais e alimentos frescos. Seria muito mais útil para a saúde se os brancos estudassem a alimentação índia, que tem experiências seculares e a ela se adaptassem, do que como atualmente estamos fazendo, adaptar os índios ao nosso tipo de alimentação.

* * *

A transformação do tipo de alimentação é condicionada não somente ao desejo dos brancos de introduzir o nosso sistema de vida, como também à perda de independência econômica e alimentar das comunidades índias.

As Missões, assim como os centros do Serviço de Proteção aos Índios, representam lugares de grande atração para os índios, porque distribuem produtos manufaturados, comida e roupas.

As necessidades da vida "civilizada" para êles não existiam, como não existia o hábito do trabalho que não fôsse a caça, pesca e cultura das roças. Êles, portanto, rapidamente se habitúam a receber, mas não se habitúam com a mesma facilidade a trabalhar porque não podem entender o significado da palavra. Preferem, portanto, ao invés de procurar o alimento nas matas e nas roças, pedi-lo e recebê-lo quase de graça, como caridade.

Além disso a destruição das malocas e o aldeamento em casas de barro e cimento fixam os indígenas no mesmo lugar e impede ou dificulta enormemente o nomadismo em procura de alimentos. A alimentação irracional dos "civilizados" diminui as resistências orgânicas e favorece indiretamente a tuberculose.

* * *

Um aspecto que merece, enfim, ser lembrado é a transformação dos hábitos de higiene como consequência da aculturação, porque muitas vezes os índios abandonam as suas normas de vida sem substituí-las por outras melhores.

Queremos apresentar um exemplo significativo. Todos os índios Yanoáma têm um grande pudor não somente em relação às funções orgânicas, como às próprias fezes. No recente estudo entre os Yanoáma não aculturados foi impossível para nós obter, destes índios, material fecal para análise, mesmo prometendo presentes desejadíssimos, como facas, machados etc. Eles iam para as suas funções longe da maloca, escondidos no mato e sempre abaixo da correnteza da água que passa perto da maloca, onde vão procurar água para o uso alimentar. Nunca se observam nos caminhos do mato fezes humanas que aparecem só quando chegam os "civilizados". Nas malocas as fezes das crianças e dos cachorros são logo recolhidas em grandes folhas e jogadas em lugares escondidos. Impressionante é a transformação destes hábitos higiênicos como consequência da aculturação. O fecalismo humano domina o ambiente: Numa Missão do Alto Orinoco os índios iam evacuar a quatro ou cinco metros das casas de barro recentemente construídas perto da praia, atraindo, assim, milhares de moscas. Tão completa é a transformação dos conceitos de higiene que numa Missão por nós visitada os Missionários começaram a notar que a água que bebiam tinha um exquisito gosto aromático. Finalmente descobriram que todas as noites um jovem índio Yanoáma ia defecar na água dos caixões que se encontravam ao lado dos dormitórios.

* * *

Concluindo, nós apresentamos com um verismo que pode ser considerado até repugnante, alguns aspectos da aculturação que favorecem a difusão das doenças e, em particular, da tuberculose.

Poder-se-ia objectar que a aculturação apresenta sobretudo aspectos positivos que permitem aos índios entrarem com dignidade e paridade nas coletividades nacionais. Seria ridículo negar ou diminuir estes aspectos. Seria também absurdo pensar que com os atuais progressos técnicos a vida e a cultura índia possam resistir na sua forma original.

Por outro lado, consideramos ter feito coisa útil indicando aquêles aspectos negativos da penetração branca, que o nosso olho de médico e de biólogo permite observar.

As medidas que deveriam, a nosso ver, ser tomadas na luta contra a tuberculose são as seguintes:

- 1) Evitar cuidadosamente a convivência de tuberculosos e não tuberculosos nos colégios e nos hospitais; isolar e tratar os doentes; vacinar com BCG todos os indivíduos resultados negativos às provas tuberculínicas e todos os índios que moram nos rios onde a tuberculose ainda não penetrou.
- 2) Respeitar ao máximo as malocas indígenas. Quando se achar absolutamente necessário destruí-las, dever-se-ia substituí-las por habitações cientificamente estudadas e não como as casas de caboclos, escuras, úmidas e anti-higiênicas.
- 3) Reduzir ao máximo as roupas, limitando-as ao que é considerado indispensável para a decência, porque é bem conhecido o valor profilático e curativo do ar livre e do sol, na região tropical.
- 4) Respeitar a alimentação indígena evitando de introduzir alimentos irracionais dos civilizados como carnes salgadas, sal de cozinha etc., mas favorecer a continuação do tipo de alimentação dos índios com experiências seculares que até hoje permitiu a sua sobrevivência. Conservar a independência econômica dos grupos nômades ou seminômades de índios, evitando de fixá-los definitivamente em lugar com aldeias de casas de barro e com uma economia insuficiente, ligada, em forma semiparasitária, às nossas instituições.